

A IDEIA DO ESTADO NA OBRA DE OAKESHOTT

SABRINA DE MATOS BARCELOS¹; DANIEL LENA MARCHIORI NETO²

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPel – sabrinabarcelos1234@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPel – danielmarchiorineto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Assunto debatido há séculos, a ideia do Estado e de seus atores se diverge entre os mais diversos pensadores. Sendo assim, Oakeshott (2018) em sua obra “Política da Fé e a Política do Ceticismo”, a partir de seus apontamentos ao racionalismo na política e a política do ceticismo busca mostrar os pontos destas vertentes e como cada um vê a política e atividade e/ou conduta humana. Em paralelo a isso, na obra “Rationalism in Politics and Other Essays” Oakeshott (1962) discorre mais a fundo, a luz do cenário britânico político daquela época, sobre como o racionalismo influenciou no conhecimento científico a respeito da política e da análise social. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar a discussão trazida, ainda que pouco conhecida no Brasil, do britânico Michael Joseph Oakeshott sobre a política e o papel do Estado. Além disso, a fim de conversar com os debates trazidos por Oakeshott, será utilizada argumentações do cientista político Hans Morgenthau em “Scientific Man vs Power Politics”.

Segundo Oakeshott (2018), na política da fé a atividade de governar está a serviço da perfeição humana, devendo ser alcançada pelo esforço humano, esta política interpreta as instituições de governo, por exemplo, como meio para excluir o ‘erro’ ou para se chegar à ‘verdade’. Mas, ao buscar a perfeição colapsa, uma vez que ao impor somente um padrão de atividade a determinada comunidade, produz um efeito contrário ao que se esperava (OAKESHOTT, 2018). Já a política do ceticismo, afirma Oakeshott (2018), é baseada na leitura da conduta humana e no equilíbrio de poder, e assim acredita-se que o homem ao viver próximo um do outro pode gerar certo conflito. Deste modo, a atividade do governo não subsiste não porque é boa, mas porque é necessária, no entanto, a nêmesis deste tipo de governo é sua autolimitação (OAKESHOTT, 2018). Sendo assim, enquanto a política da fé é pautada pelo excesso, a política do ceticismo é pautada por sua moderação.

Levando esses debates em consideração, Oakeshott (1962) traz uma visão diferente para a atividade de governar, a visão do ‘ser conservador’. De acordo

com o autor, para o conservador a mudança das regras deve surgir a partir da reflexão daqueles que dela precisam, e não de uma imposição de mudanças nas atividades daqueles que dela precisam, e claro, não destruir o conjunto. Todavia, não é como se o conservador não quisesse ou não gostasse de mudanças ou inovações, mas simplesmente as vê como aplicáveis quando estas são necessárias (OAKESHOTT, 1962). Portanto, Oakeshott tenta mostrar que não é inconsistente ser conservador no que se refere ao governo, é importante frisar que para Oakeshott (1962) disposição conservadora é ao contrário de estar relacionado a moral, a religião, a lei natural, por exemplo. Ser conservador para Oakeshott (1962), é preferir, por exemplo, o atual ao possível, o suficiente ao superabundante, o que está próximo ao que está distante, o familiar ao desconhecido.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter eminentemente bibliográfico, a partir da leitura e análise tanto de obras clássicas de Michael Oakeshott quanto da literatura crítica especializada no assunto. O marco teórico que embasa a pesquisa a ser desenvolvida é o contextualismo linguístico da história dos conceitos de Quentin Skinner, especialmente em sua obra "Meaning and Understanding in the History of Ideas" (1969). O método skinneriano consiste no esforço de reconstrução dos conceitos no seu próprio contexto de enunciação, preocupando-se, primeiramente, em delinear todo o conjunto de informações que podem ser enunciadas pela declaração de certas afirmações. Em seguida, busca-se relacionar o elemento declarado com seu amplo contexto linguístico, elaborando a intenção real do autor estudado. A investigação da história das ideias políticas, portanto, considera que o sentido dos conceitos sofre a influência da própria história, adotando conformações e limites diferenciados no tempo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Oakeshott (1962), o homem se sente livre pois prefere não sacrificar o presente por um futuro remoto ou sacrificar um previsível futuro a um presente transitório e que é mais importante que a sociedade se mova junto do que muito longe ou rápido. Ele afirma que há uma racionalização da política tradicional, no entanto a existência do pressuposto da 'solução racional' para um problema, é uma solução perfeita, é uma utopia. Nessa linha de pensamento, dois

tipos de humor definem as atitudes da nossa civilização no quesito social, diz Morgenthau (1947), sendo eles a confiança no poder da razão para resolver os problemas sociais e o desespero com o fracasso do poder da razão científica para enfrentar tais problemas. Ele discute o problema de aplicar a visão do controle racional das ciências naturais para o mundo social, ‘filosofia das suposições inconscientes’ (MORGENTHAU, 1947). Destarte, pode ser configurado aqui o debate entre a ideia do Estado e de seus atores, e de como o racionalismo possui influência na concepção que se tem da política no geral.

Indo mais a fundo, a discussão trazida por Oakeshott (1962) em “Rationalism in Politics and Other Essays”, mostra as tentativas de trazer para as ciências sociais a lógica das ciências naturais, mas que no entanto esta é uma atitude equivocada. Segundo Morgenthau (1947) as ações humanas não são capazes de moldar o mundo social e natural em um mesmo grau de técnica de perfeição, pois no campo social não encontra a coerência lógica das ciências naturais, e também não existe uma única causa que pode ser criado certo efeito à vontade. Segundo ele, sejam quais forem as crenças políticas, filosóficas ou econômicas das pessoas, há um certo consenso que a ciência é capaz de resolver os problemas do homem. Entretanto, “a filosofia do racionalismo interpretou mal a natureza do homem, a natureza do mundo social e a natureza da própria razão.” (MORGENTHAU, 1947 p. 12, tradução livre).

Morgenthau (1947) diz que não é na razão que a política encontra seu modelo, mas sim que por ela é compreendida, além disso os homens vivem com filosofias que dão razões para existir, mas o homem nem sempre escuta os apelos da razão, nem sempre acreditará no progresso, e na força da ciência. Já no que se refere ao conservador da era moderna, a luz do passado histórico, espera da ciência da história respostas para a incógnita do presente (MORGENTHAU, 1947).

4. CONCLUSÕES

Oakeshott é um autor pouco conhecido no Brasil frente a outros autores considerados clássicos, que por vezes são muito utilizados nos cursos de ensino superior, e até mesmo encontrar bibliografia traduzidas por editoras é difícil. Como pode ser visto, o autor possui uma linha de pensamento que foge daquela que o século XX estava acostumado, ele ao tratar da visão conservadora da ideia do

Estado, mostra que o tradicional e o comedimento podem ser linhas a serem levadas em consideração. Analogia utilizada por Oakeshott (1962), a atividade política é como um barco, que há como voltar de onde veio e não sabe o destino que o aguarda, mas ele precisa continuar navegando.

O estudo da política, para Oakeshott (1962), deveria ser um estudo histórico uma vez que a história é parte essencial da educação política, ele afirma que quanto mais fundo for o entendimento sobre a atividade política, menos se estará nas mãos de uma analogia equivocada. Segundo o autor, as instituições, por exemplo, que formam os modos de governar, são composições históricas, e não unidades racionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORGENTHAU, Hans J. **Scientific Man vs Power Politics**. London: Latimer House Ltd, 1947.

OAKESHOTT, Michael. **A Política da Fé e a Política do Ceticismo**. 1. ed São Paulo: É Realizações, 2018.

OAKESHOTT, Michael. **Rationalism in Politics and Other Essays**. London: Methuen & Co Ltd, 1962.